

#Vem pra rua_Santa Maria: movimentos sociais em rede, mobilização social e usos do Facebook em quatro ações de protesto¹

Liliane Dutra Brignol²

Resumo

O artigo busca refletir a partir da teoria dos novos movimentos sociais e movimentos sociais em rede sobre as mobilizações que ganharam repercussão no mês de junho, no Brasil. Para isso, parte de uma observação exploratória em ações de protesto na cidade de Santa Maria/RS, sua construção, experimentação e repercussão em eventos do Facebook, de modo a entender sobre o papel das redes sociais online nas lógicas das mobilizações sociais contemporâneas. Foram combinadas estratégias de observação online e offline, aliadas a entrevistas com participantes das manifestações. A análise permite discutir sobre como o Facebook é apropriado para construir uma pauta plural de reivindicações, refletir sobre suas formas de ação, colocar em contato diferenças, criar sentimentos de pertença e vínculos entre sujeitos com posicionamentos diversos e, ainda, construir dinâmicas de interação e visibilidade para as ações de protesto.

Palavras-chave

Mobilização social; redes sociais online; Facebook.

A exemplo de movimentos mundiais, como os *Indignados*, na Espanha, ou *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, manifestações de caráter reflexivo, político e de crítica social ganharam força também no Brasil, como observamos nos episódios recentes de mobilização inicialmente propostas contra o aumento das passagens de ônibus ou em defesa da ocupação do espaço público em muitas cidades brasileiras, durante o ano de 2013, especialmente no mês de junho. A internet tem se mostrado fundamental na articulação de tais mobilizações sociais, com práticas que apresentam, em muitos casos, repercussões para além do contexto online.

O artigo se propõe a analisar, através da observação de dinâmicas de comunicação no Facebook e da observação de ações de protesto no contexto urbano, alguns desses episódios de modo a refletir sobre o papel das redes sociais online para a construção, experimentação e repercussão de ações que buscam a mobilização social em torno de temas e demandas cidadãs contemporâneas. Para tanto, parte de uma reflexão

¹ Artigo apresentado no Eixo 4 – Política, Inclusão Digital e Ciberativismo, do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSM.

teórica que busca aproximar-se da teoria dos novos movimentos sociais e movimentos sociais em rede, de modo a problematizar sobre o papel das redes sociais online e seu impacto, como lógica de interação, em formas de mobilização social.

É feita, em um segundo momento, uma aproximação empírica, de caráter exploratório, às dinâmicas de mobilizações promovidas por diferentes atores sociais, a partir de eventos criados no site de rede social Facebook, e nas ruas da cidade de Santa Maria, interior do estado do Rio Grande do Sul, durante os meses de junho de 2013. A partir da observação inicial, busca-se discutir as implicações, alcance e repercussão dos usos de redes sociais online para a instituição de novas formas de mobilização social.

Dos novos movimentos sociais aos movimentos sociais em rede

Diante de tantos fetichismos do ‘novo’, podemos recorrer a conceitos cunhados no contexto das lutas de classe do final do século XIX e começo do século XX? Com o que define como a passagem das demandas sociais para as culturais, indicando o deslocamento dos conflitos para a ordem simbólica, Touraine (2006) defende a validade do conceito de movimentos sociais, a ser atualizado conforme as características de cada momento histórico e cada tipo de sociedade em que se instaura. Os movimentos sociais estão em transformação sim, sob o impacto de mudanças de várias ordens, mas entendemos válido o esforço teórico de aproximação ao conceito para problematizar formas de organização e ação social contemporâneas.

Gohn (2007) recupera a diversidade de paradigmas explicativos para pensar os movimentos sociais, discorrendo sobre correntes marxistas e abordagens de matriz ligada à teoria da ação social e de mobilização de recursos, a partir de um resgate de enfoques europeus, americanos e latino-americanos. Em publicação mais recente (GOHN, 2012), a autora aponta alguns debates sobre os movimentos sociais a partir dos anos 2000, dando ênfase para teorias construídas a partir de eixos culturais, relativas ao processo de construção de identidades; correntes que recorrem à teoria crítica; teorias filiadas ao marxismo ou neomarxismo; teorias fundadas em uma perspectiva pós-colonial, cujas análises reivindicam uma descolonização do saber e do poder para os movimentos; além de teorias que canalizam as atenções para os processos de institucionalização das ações coletivas, preocupando-se com os vínculos e redes de sociabilidade das pessoas e o desempenho das instituições.

Compartilhamos com Gohn (2012) a ideia de que não há apenas uma teoria ou agenda de pesquisa para estudar os movimentos sociais, pelo contrário, as abordagens devem ser múltiplas, o que indica a importância da temática para as ciências sociais e sua força explicativa para manifestações empíricas de diferentes ordens.

Entre as abordagens propostas, percebemos a contribuição da teoria dos novos movimentos sociais, construída a partir de autores como Touraine (2006) e Melucci (1989), aliada a olhares sobre a incidência da lógica das redes nas dinâmicas e fluxos dos movimentos sociais, no que se vem convencendo chamar de movimentos sociais em rede, como refletem GOHN (2013), Castells (1999; 2012) e Scherer Warren (2006).

Podemos sintetizar o caráter “novo” dos NMS, trazendo novamente o aporte de Gohn (2007). Para ela, esses movimentos são novos porque não têm uma clara definição classista, como na lógica dos movimentos sociais do século XIX e começo do XX, contrapondo-se, na Europa, ao antigo movimento da classe trabalhadora e, na América Latina, aos movimentos envolvidos no esquema de políticas populistas, e configurando-se como novas formas de fazer política, com a politização de novos temas.

Os NMS apropriam-se da mídia e constroem atividades de protesto para mobilizar a sociedade e estabelecer pressão nas políticas estatais, procurando, pela ação direta, promover mudanças nos valores dominantes e alterações nas situações de discriminação. Além disso, Gohn (2007) enfatiza um caráter de mudança no modo de organização dos NMS, mais descentralizados, sem hierarquias definidas, compostos por estruturas colegiadas, mais participativas, abertas, espontâneas, fluídas, e atuando, sobretudo, a partir de redes de comunicação e cooperação.

Na teoria dos NMS, Gohn resgata algumas características básicas que fundam os argumentos de autores tanto europeus quanto americanos sobre o tema. Como dito, a definição estrutural dos participantes transcende as classes sociais. Os movimentos exibem uma pluralidade de ideias, valores, orientando-se pelo pragmatismo e lutando por reformas no sistema de participação. Suas lógicas envolvem a emergência de novas dimensões de identidade, em relações diversas entre o individual e o coletivo. Suas mobilizações costumam buscar a não violência e a desobediência civil e sua organização se dá de forma mais difusa, segmentada e descentralizada. Em geral, sua reorganização e proliferação podem ser entendidas por uma crise na credibilidade de canais de participação da política tradicional.

Neste contexto, a teoria dos NMS ajuda a entender as lógicas e dinâmicas de movimentos contemporâneos e suas formas de ação. A partir desta perspectiva, com base nos autores antes mencionados, entendemos movimentos sociais como uma proposição construída a partir de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto em comum ou uma utopia, sintetizando um sentido de totalidade do movimento, em um contínuo processo em construção. Em uma sociedade em rede (CASTELLS), estes movimentos tendem também a se articular a partir da aproximação de lógicas rizomáticas, mais flexíveis e menos hierárquicas, ao perceberem uma “necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania” (SCHERER WARREN, 2006, p. 113).

Tais reflexões vão impactar a compreensão dos movimentos sociais, não mais organizados em termos de uma base institucional, mas cada vez mais marcados por articulações próprias da formação de redes. No Brasil, é o que aponta Scherer-Warren (1993) ao estudar as redes de movimentos sociais, a partir dos anos 1990. Tais redes são entendidas pela autora enquanto processos de ação política, práticas sociais em construção, marcadas por lutas pela redefinição da cidadania, pela deslegitimação de decisões tomadas autoritariamente pelo Estado, pelo fortalecimento das relações comunitárias, pela forma de agir pela resistência ativa não-violenta e pela busca de democratização das práticas cotidianas (SCHERER-WARREN, 1993).

Essa marca da configuração em rede dos movimentos sociais pode ser percebida em movimentos de reorganização urbana, ambientais, feministas, pacifistas, anti-globalização, entre outros, em que as conexões entre os sujeitos e as organizações são mais efêmeras, a partir apenas da identificação com as causas a serem defendidas.

Ações de protesto como estratégias de ação baseadas na comunicação em rede

Em função do papel que ocupa na dinamização das sociedades contemporâneas, o conceito de redes sociais precisa ser mais aprofundado tanto por pesquisas empíricas quanto por investidas teóricas. Em uma ampliação de um conceito inicial de rede como um conjunto de nós, usados para representar atores sociais, unidos por linhas que representam as relações (UGARTE, 2007), buscamos uma compreensão das redes sociais dinâmicas formadas por relações em constante movimento.

Neste artigo, partimos do entendimento das redes como estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica leve a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações.

Entendemos, ainda, que as redes sociais configuram interações entre sujeitos, podendo apresentar-se como redes informais, formadas por demandas subjetivas; organizadas, a partir da atuação de grupos com poder de liderança; ou podem ser híbridas entre as duas configurações; além de se caracterizarem pela organização através da mediação das tecnologias da informação e da comunicação, ao mesmo tempo em que são dinamizadas por espécies de “teias invisíveis”, formadas por sujeitos que não têm acesso direto às tecnologias.

Interessa refletir sobre as possibilidades de constituição múltiplas das redes sociais, que podem articular questões subjetivas e demandas sociais, indivíduos e coletivos, em dinâmicas mais institucionais ou livres associações, além de terem suas possibilidades ampliadas pela mediação tecnológica. Esta mediação se dá, sobretudo, pelos usos da internet e de sites que dão visibilidade e se estruturam a partir de conexões em rede, como o Facebook, em uma aproximação entre a lógica de redes das interações face a face e a sua vivência estendida e/ou transformada tecnologicamente.

Gohn também alerta para um novo cenário em que, “além da ampliação dos sujeitos protagonistas de ações coletivas, ocorrem alterações no formato das mobilizações e na forma de atuação – agora em redes” (2010, p.25). Neste sentido, as redes sociais configuram o cenário, a ambiência, a dinâmica de relações que passa a articular um modo de mobilização em torno de demandas sociais diversas que têm chamado a atenção e ganhado adesões cada vez mais plurais.

Segundo Castells (2012), a conexão em rede é uma das características comuns a diferentes movimentos sociais que surgem como resposta a uma crise (econômica) estrutural e a uma profunda crise de legitimidade das instituições e organizações políticas tradicionais. São movimentos globais e locais a um só tempo, que se valem das lógicas da internet, sobretudo das redes sociais online, mas ganham espaço também na rua, em protestos, acampamentos, intervenções urbanas de diferentes ordens.

Neste sentido, cabe distinguir o conceito de movimentos sociais, inicialmente formulado, de outros modos de ação coletiva por ele implicadas. Um protesto, uma marcha, uma manifestação podem ser entendidos como estratégias de ação que podem ou não ser articuladas por movimentos sociais. Segundo Touraine, eles carregam em comum a dimensão do conflito, como base de enunciação de um movimento social. É através da expressão de um conflito que os indivíduos constroem um espaço de ação para sua prática enquanto sujeitos. Porém, para Touraine (2009), a simples determinação de um conflito não aponta a existência de um movimento social.

Assim, mobilizações sociais e ações de protesto também são propostos a partir da percepção de um conflito, gerando um sentido de solidariedade que aproxima aqueles que compartilham de objetivos comuns, embora não precisem estar relacionados, necessariamente, a um movimento social. Entendemos, neste contexto, a mobilização social como “um processo político e cultural presente em todas as formas de organizações das ações coletivas” (GOHN, 2008, p.448). São ações em que os processos de comunicação tornam-se essenciais para o compartilhamento de discursos e informações fundamentais para a construção desses objetivos em comum.

As ações de protesto, como ocupações, passeatas, marchas, paralisações, são ações coletivas particulares, decorrentes de processos de mobilizações mais amplas, que podem ser articulados por múltiplos atores sociais, incluindo movimentos sociais organizados sob perspectivas mais orgânicas e plurais. As dinâmicas de comunicação criadas em torno das redes sociais online atuam de maneira direta na mobilização social, construindo coletivamente posicionamentos e sentimentos geradores de ações de protesto, como o que percebemos no caso de Santa Maria.

Aproximação exploratória às ações de protesto em Santa Maria

No Brasil, pode ser percebida uma combinação de formas de ação diversas, articuladas a partir da atuação de coletivos e movimentos sociais plurais, muitos dos quais caracterizados como novos movimentos urbanos (ROLNIK, 2013), organizados a partir de lógicas de auto-gestão e formas de ação articuladas a partir de uma centralidade das práticas comunicacionais e da comunicação em rede.

Múltiplas são as possíveis causas expressas em demandas plurais, a partir de adesões individuais e por diferentes coletivos, que podem ser associadas às

manifestações que ganharam força no Brasil no mês de junho de 2013, seguiram, com ações mais pontuais, em julho, e com repercussões que continuam por mais tempo. Mobilizações sociais que foram nomeadas como ‘jornadas de junho’ por parte da mídia e também por pesquisadores e ensaístas sobre o tema, podem ser percebidas como responsáveis por ações de protestos que tomaram forma de marchas, caminhadas, ocupações do espaço urbano, manifestações multiformes, em uma combinação de formas de ação diversas.

Um dos estopins é associado ao aumento do preço das passagens de transporte público em importantes cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, tendo algumas ações iniciais chamadas pelo Movimento Passe Livre³. Logo o movimento se ampliou, chegou a mais cidades e atingiu um conjunto de demandas diverso, que incluía um sentido comum de descontentamento, em um movimento de retomada do espaço público, das ruas das cidades, para expressão dos posicionamentos.

Em Santa Maria, cidade de cerca de 260 mil habitantes, localizada no centro do Rio Grande do Sul, as mobilizações também foram inicialmente motivadas pela questão de um indicativo de aumento das tarifas de ônibus. Quatro ações de protesto mais expressivas tiveram repercussão na segunda metade de junho na cidade, em consonância com o que já estava acontecendo no restante do país. A primeira manifestação foi agendada para terça-feira, dia 18 de junho, com concentração na praça Saldanha Marinho, centro da cidade, e objetivo de promover uma panfletagem de modo a alertar para a pauta do movimento e chamar para a atividade marcada para os dias seguintes: quinta-feira, dia 20 de junho, e uma grande marcha, no sábado, dia 22 de junho.

Um evento foi criado no site de rede social Facebook com a mobilização para as ações de protesto. O evento foi nomeado de “Marcha pelo transporte público e pela redução da tarifa”⁴, que inicialmente propunha apenas uma marcha no sábado, mas, em função de uma agenda nacional de protestos, incluiu a ação na quinta-feira. O que era para ser um debate acabou se desenvolvendo como uma ação de protesto que resultou em uma caminhada por ruas do centro da cidade. Na concentração, na praça, não havia microfones, apenas o uso de um megafone, que era revezado por um grupo ligado ao

³ O Movimento Passe Livre se organiza nacionalmente em uma federação formada por coletivos de diversas cidades do Brasil, e se intitula “horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário”. Em sua Carta de Princípios, luta pelo passe-livre estudantil, como “instrumento inicial de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano”. Disponível em: < <http://www.mpl.org.br> >.

⁴ <https://www.facebook.com/events/1378255652388856/>

Diretório Central dos Estudantes (DCE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)⁵, e propunha palavras de ordem repetidas pelos manifestantes.

O DCE foi o criador do evento no Facebook, proposto como espaço de caráter público, com a possibilidade de adesão de qualquer usuário da rede social online. Ao total, 16.046 pessoas confirmaram a participação pelo evento no Facebook, número inferior ao de participantes nas atividades nas ruas: na quinta-feira, apesar da chuva e do frio, o protesto reuniu cerca de 15 mil participantes, e, no sábado, mais de 30 mil pessoas participaram da marcha que percorreu as principais ruas da cidade.

Outros eventos foram criados⁶, mas não chegaram a dinamizar tantas participações na rede social online. O evento proposto pelo DCE reuniu um fluxo de compartilhamento de informações intenso. Mesmo que tenha sido proposto por uma entidade de representação estudantil, se ampliou com adesão de cidadãos com vinculações diversas, muitos deles não ligados ao movimento estudantil ou, até mesmo, sem participação em outro movimento social.



Descrição do evento “Marcha pelo transporte público e pela redução da tarifa”

Entre as reivindicações iniciais estavam a cobrança por um transporte público de qualidade, sem aumento das tarifas, incluindo o pedido por mais linhas e horários de ônibus, implicando em melhores condições de acesso à cidade por trabalhadores e

⁵ Outros coletivos participaram da organização e assinaram os panfletos distribuídos à comunidade.

⁶ Foram identificados os eventos: Parando tudo para uma Santa Maria melhor; Paralisação da Rio Branco contra o aumento da passagem e por transporte público de qualidade; Manifestação pacífica, Santa Maria/BR; e Ato pela redução da tarifa, justiça e reforma política!

estudantes. As pautas do movimento, no entanto, foram discutidas no evento do Facebook, chegando a uma ampliação de causas e valores pelos quais os manifestantes se mobilizaram na internet e ocuparam as ruas, sendo possível perceber que a própria agenda da mobilização foi ressignificada a partir das interações no ambiente online.

No sábado, dia 22 de junho, foi realizada a “Marcha pelo transporte público e pela redução da tarifa”, com uma pauta ampliada, sobretudo pela presença de manifestantes com cartazes, faixas, camisetas com reivindicações diversas⁷. Esta marcha contou com a adesão de mais pessoas, também convidadas através de panfletos distribuídos na caminhada da quinta-feira anterior e pela repercussão das ações na mídia local e nacional. Segundo divulgado nas redes sociais online e na imprensa, foram cerca de 30 mil participantes a percorrer um trajeto com concentração e saída da praça Saldanha Marinho, passando pelas principais ruas do centro da cidade. No total, foram quatro horas de atividades, com um desdobramento seguido por um número reduzido de manifestantes que, no final do percurso, se dirigiu até a Câmara de Vereadores de Santa Maria. Lá houve uma manifestação que resultou na pixação do prédio, em função, sobretudo, pelo descontentamento da população com a condução da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada para investigar a possível omissão ou envolvimento do poder público com o incêndio da boate Kiss⁸.

Mais uma ação foi proposta para terça-feira, dia 25 de junho, mobilizada através de evento intitulado “Ato pela redução da tarifa, justiça e reforma política!”⁹, também criado pelo DCE UFSM. Centralizada em temática de caráter local – a luta por justiça na investigação do incêndio da boate Kiss -, já presente nas manifestações anteriores, a ação da terça-feira culminou com a ocupação da Câmara de Vereadores de Santa Maria por seis dias. Após denúncias sobre a negligência dos legisladores nas investigações, os manifestantes, entre eles familiares de vítimas da boate Kiss

⁷ Muitas reivindicações eram pelo fim da corrupção; contra o Ato Médico; contra a realização da Copa do Mundo no Brasil, contra o deputado Marcos Feliciano; contra a PEC37 (Proposta de Emenda Constitucional 37/2011); pelo pagamento do piso nacional do magistério aos professores estaduais gaúchos; por justiça na investigação da tragédia da boate Kiss, em Santa Maria, entre outras.

⁸ A tragédia ocorreu na madrugada de domingo, dia 27 de janeiro de 2013, com o incêndio iniciado pelo uso de artefatos pirotécnicos em uma casa noturna, a Boate Kiss, em Santa Maria – RS, resultando em 242 vítimas fatais e 145 pessoas internadas. O acontecimento se tornou o segundo maior incêndio do Brasil e o maior do RS.

⁹ <https://www.facebook.com/events/576113259107580/>

organizados em duas associações¹⁰, reivindicavam pela anulação da CPI da Kiss e pediam a saída do procurador geral da Câmara de Vereadores. Cerca de 300 pessoas se revezaram na ocupação, que terminou no dia 1º de julho, após acordo entre vereadores e manifestantes. Durante este período, o Facebook, através de páginas criadas para a produção colaborativa de conteúdo, foi usado para informar sobre as ações e mobilizar a população santa-mariense para a causa.

Usos do Facebook para mobilização social

As considerações sobre os episódios ocorridos em Santa Maria decorrem de observação exploratória desenvolvida no contexto do grupo de estudos “Internet, identidades e cidadania”, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, com a colaboração de mestrandos, bolsistas de iniciação científica e alunos de graduação¹¹. O objetivo era fazer uma aproximação inicial às dinâmicas de comunicação e usos das redes sociais online na articulação de ações de protesto propostos em Santa Maria a partir da repercussão de mobilizações nacionais.

Para isso, foi desenvolvida uma observação exploratória do evento no Facebook e da marcha programada para sábado, dia 22 de junho. Cada participante do grupo produziu um texto com suas reflexões sobre a organização da marcha, dinâmicas de interação, grupos ou sujeitos que disputaram protagonismo, possíveis conflitos, demandas manifestadas e formas de ação propostas (através de palavras de ordem, percurso da marcha, reação da população, diversidade das participações, etc). Também foram realizadas 40 entrevistas durante a marcha, com 21 homens e 19 mulheres, de faixas etárias, atividades profissionais e vinculação a coletivos ou organizações diversos. Nas entrevistas, buscou-se conhecer mais sobre o perfil dos manifestantes,

¹⁰ Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (<https://www.facebook.com/associacaoovtms>) e Movimento Santa Maria do Luto à Luta – Meu partido é um coração partido (<https://www.facebook.com/MovimentoSmDoLutoALuta>)

¹¹ Colaboraram na pesquisa exploratória: Tainan Pauli Tomazetti e Carolina Moro da Silva (mestrandos do PPG em Comunicação), William Vinderfeltes (acadêmico de Comunicação Social – Jornalismo), Laura Roratto Foletto (Relações Públicas), Mariana Leoratto Severo (acadêmica de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda), Augusto Vasconcelos (bolsista de iniciação científica e acadêmico de Comunicação Social – Jornalismo), Dandara Flores (jornalista), além da autora do artigo, coordenadora do grupo.

fontes de informação sobre a manifestação, participação em organizações coletivas, motivações para participação e usos da internet relacionados a mobilizações sociais¹².

Foi possível perceber que, mesmo que o evento tenha sido chamado por uma organização de representação estudantil, outros atores sociais participaram, tanto na preparação e discussão, quanto nas ações de protesto em si. Houve a colaboração de coletivos sociais (como coletivo Marcha das Vadias ou o Levante Popular da Juventude), sindicatos (CPERS, SEDUFSM, CUT, Conlutas), associações (como as de familiares de vítimas da boate Kiss) e partidos políticos, ainda que não tenham sido identificados por bandeiras ou cartazes.

Uma pluralidade de participantes se somou a estes grupos organizados, de maneira espontânea e, na maioria dos casos, individual. Nas entrevistas, poucos afirmaram participar de alguma organização ou movimento social. A possibilidade de uso de bandeiras com identificação de filiação partidária foi tema de discussões no Facebook, tendo sido criadas enquetes sobre o tema¹³, com maioria contrária à participação de partidos políticos. Em consonância com o movimento nacional, observou-se um afastamento da política tradicional, em uma ação mais horizontalizada.

Houve uma pauta principal e objetiva na mobilização em Santa Maria: a oposição ao aumento da tarifa de ônibus, mas essa pauta foi ampliada, dialogou com a pauta de reivindicações nacionais, muitas delas difusas, e ganhou força quando se aproximou de uma questão local: a luta por justiça no caso do incêndio da boate Kiss. O Facebook, através do evento observado, teve um uso importante associado à discussão das causas do descontentamento e das motivações a participar das ações coletivas de protesto. Através da postagem de matérias da mídia tradicional e do debate de temas relacionados, os participantes do evento foram construindo seus posicionamentos, colocando em contato suas diferenças e sentidos comuns sobre as razões pelas quais ir para a rua. Tanto no Facebook quanto nos eventos no espaço urbano, um opositor comum foi criado, relacionado à possível omissão do poder público quanto à fiscalização da casa noturna em que 242 pessoas, a maioria delas jovens, morreram em Santa Maria. Uma síntese deste sentido de oposição foi expressa através de

¹² O roteiro foi composto por seis questões: Idade; Profissão; Como ficou sabendo da mobilização?; Integra algum coletivo, organização, movimento social, partido, sindicato? Qual?; Por que está participando deste ato?; Usou a internet e as redes sociais online para manifestar sua opinião? Como?.

¹³ A enquete “Você gostaria de bandeiras de partidos na manifestação?” teve 1344 respostas negativas e 269 respostas positivas. Foram 513 comentários, em um intenso debate.

manifestações contra o prefeito Cezar Schirmer e aos vereadores, sobretudo aqueles envolvidos na CPI da boate Kiss. Tanto, que as demais pautas do movimento acabaram enfraquecidas com a ocupação da Câmara de Vereadores.

Três momentos principais foram identificados quanto aos usos do Facebook nas manifestações em Santa Maria: a troca de informações e mobilização anterior a cada ação de protesto; o compartilhamento de conteúdo e dinâmica de interação durante as ações; a avaliação e proposição de novos atos, após cada evento. Em um primeiro momento, portanto, o evento observado serviu para informar sobre as ações de protesto e chamar à participação. Nos primeiros dias depois da criação do evento, a maioria das participações era apenas de adesão. Em seguida, temas relacionados às causas das manifestações geraram discussões que ajudaram não apenas a pautar, mas a construir os próprios posicionamentos, em dinâmicas de cooperação e de conflito diante do contato com opiniões diferentes. Assim, foi possível perceber a informação e a mobilização como principais usos do evento do Facebook antes das ações de protesto.

Houve enquetes sobre possíveis palavras de ordem, reflexões a respeito do uso de máscaras, análises sobre as manifestações em outras cidades, informações quanto à situação local do transporte público, crítica da cobertura da mídia, informações sobre as reivindicações no restante do país, avaliações sobre o pronunciamento da presidente Dilma Roussef a respeito das manifestações, entre muitas outras discussões. Uma questão central foi acionada nos momentos anteriores às ações de protesto: “Pelo que estamos lutando?” – tema também de enquetes no evento do Facebook, mas construída principalmente através dos comentários em diferentes postagens.

Alguns posicionamentos que levaram à mobilização podem ser destacados entre as postagens do evento, mostrados de maneira ilustrativa abaixo:

- 1) Não é só por 0,20 centavos! É por ter que ir e vir praticamente todos os dias em ônibus superlotados, e pelos políticos que temos que só encham o bolso com o dinheiro do povo sem oferecer condições dignas em saúde, segurança, transporte e educação. Obs: Foto feita hoje pela manhã no T.Neves
- 2) Acho que sábado, poderíamos aproveitar e dar mais apoio aos familiares da tragédia da Kiss, pois parece que o caso está sendo deixado de lado. Vamos aproveitar o momento, pedir justiça e mostrar que não vamos ficar calados!
- 3) ESTE É O ÚNICO CAMINHO... 0,20 CENTAVOS NÃO! QUEREMOS 20 MUDANÇAS! TODA MUDANÇA PARA MELHORAR O BRASIL DEPENDEM EXCLUSIVAMENTE DA APLICAÇÃO DO NOSSO PRÓPRIO ESFORÇO

4) #242motivos

5) Quero saber.....se o schirmer retirar o aumento vai acabar o movimento? Ou nossas reivindicações sao maiores?

6) Santa Maria, Hoje nós estaremos juntos nas ruas, caminhando pela mesma causa, caminhando pela mudança, caminhando pelo Brasil, não importa SUA BANDEIRA, ou Sigla, ou até mesmo a ausência de ambas.(...) Hoje mais do que nunca precisamos gritar com uma só voz e mostrar para o resto do Brasil que a causa é possível, que o povo não aceita a impunidade política, que estamos cansados do “jeitinho” e da PIZZARIA que se instalou na CASA DO POVO! Faz cerca de 5 meses que a troca de favores, o patrocínio político e a burguesia nojenta levou da nossa cidade 242 jovens, e o que nos restou além de um grito vazio por justiça que a principio não é ouvido nem por CPI nem pelo Ministério Público?!?!? ...

7) Bah, sinceramente, ta um mimimi desgraçado neste evento. Discussão sobre o que usar, o que cantar, mais parece um bloco de carnaval escolhendo o tema do desfile do que um protesto! Sim, essas divisões que estão ocorrendo nas manifestações (acredito que na maioria) é preocupante, visto que ideologias estão querendo tomar a frente dos protestos (aliás to achando grupos de direita e militares no meio das marchas meio tenso '___'), mas de qualquer maneira temos que ter foco e pé no chão nos motivos que nos levam as ruas, quando digo pé no chão, refiro a protestar sobre as tarifas e a máfia da ATU em SM, protestar contra a PEC 37 diretamente com os deputados e senadores, lutar contra corrupção e pela paz é meio vago, não é bem uma posição política. Mas tarifa do transporte "público", justiça com a tragédia kiss, isso nós podemos cobrar e mudar ja se continuarmos com esse ímpeto.

O evento no Facebook também foi usado para a construção das formas da ação, com o debate em torno do uso de carro de som, temas para faixas e cartazes, palavras de ordem, opção por ações violentas ou de depredação do patrimônio público, defesa de manifestações pacíficas, utilização de máscaras ou pinturas no rosto. Alguns participantes chegaram a criticar a tentativa de normatização gerada pelos debates, indicando um sentido do que seria permitido ou proibido nos protestos. Os posicionamentos não foram consensuais, o que pode ser percebido também na diversidade de formas de ação observadas nas ruas de Santa Maria, como indica esta amostra das postagens encontradas:

- 1) Ainda tô meio bolada com o pessoal que cantou o hino riograndense na passeata de quinta. Eu não canto e não cantarei!!! Opinião e ação MINHA!!!
- 2) Galera quem vai na próxima marcha, vamos sem máscaras, não temos nada a esconder, vamos de cara limpa. E deu pra perceber que a maioria dos vandalistas estavam com o rosto coberto... Vamos sem máscaras e sem lenços tapando o rosto... Assim vamos identificar melhor quem quer vandalizar.
- 3) Olha se tivessem saqueado o carrefour, quebrado lojas...Eu não apoio mas sobre a Camara de Vereadores eu apoio sinceramente!!!

- 4) Sugiro conseguirem caixas de PIZZA e colocar as fotos dos membros da CPI. Tavares, De Castro e Rebellato. Pizza de três sabores: chuchú, quiabo e pepino. Sem sabor, amarga e azeda.
- 5) Acho que as manifestações deveriam acontecer na prefeitura, Expresso medianeira. E descermos a Presidente Vargas (em silêncio em frente ao hospital) e ir até a expresso medianeira que afinal é a maior empresa de transporte coletivo que tem em Sta Maria. Imaginem qto eles não perderiam \$\$ tendo que deixar os ônibus parados!!! [#semviolencia#semvandalismo](#)
- 6) Senhores, não é porque o patrimônio é público que devemos fazer com eles o que bem entendermos, achei ridículo e desmotivante presenciar tal atitude ignorante e desnecessária por parte de uma minoria dos manifestantes que estavam no nosso movimento! eu digo NOSSO movimento porque quem estava lá com a intenção de vandalizar e/ou depredar algum patrimônio não me representa e não representa as pessoas que estavam lá lutando por uma cidade/país melhor. e que da próxima vez a razão seja maior que a ignorância para estes seres que pretendem depredar algo que é de todos.
- 7) (...) Longe de querer prescrever o comportamento de uma manifestação plural e descentralizada, mas atento para as distorções que geram desconfiança onde deveríamos ter mutirão, eu diria que quebrar vidraças nesse momento seria energia mau-empregada. Na minha opinião, é na própria ocupação do espaço público que demonstramos nossa força, capaz de intervir de fato na realidade política da cidade e do país. Impulsos pessoais tem que estar em diálogo com essa composição poderosa que é um mundaréu de gente nas ruas, e estar a seu serviço, não contra ela.

Os posicionamentos do evento na rede social online repercutiram nas ações no espaço da cidade e demonstraram um caráter reflexivo do próprio movimento. Em um segundo momento, durante as ações de protesto, percebemos outras apropriações do Facebook mais relacionadas à produção colaborativa de conteúdo, à postagem e compartilhamento de fotos e vídeos das manifestações¹⁴. Enquanto a marcha de sábado e a caminhada de quinta-feira aconteciam, imagens eram postadas no evento ou compartilhadas a partir dos perfis dos manifestantes. O mesmo pode ser percebido depois de cada manifestação, gerando comentários afirmativos sobre os protestos, muitos deles relacionados ao orgulho pela participação, manifestado pelo sentido de pertencimento também à cidade de Santa Maria, como indicam as postagens a seguir:

- 1) QUE FESTA LINDA QUE OCORREU EM SANTA MARIA-RS!
- 2) Sábado foi lindo, mas quando será a próxima pessoal!?

¹⁴ Além do próprio evento, páginas no Facebook foram usadas ou criadas especialmente para a produção colaborativa de conteúdo. Entre elas, destacam-se a página da revista O Viés (www.facebook.com/revistaovies e www.revistaovies.com), publicação independente criada, em 2009, por estudantes de Jornalismo da UFSM, que conta, hoje, com dez redatores fixos e inúmeros colaboradores; e a comunidade Trança Rua (www.facebook.com/TrancaRuaSM), impulsionada pela revista O Viés e por colaboradores para a cobertura das manifestações em Santa Maria.

- 3) Venho aqui dar os parabéns as mais ou menos 30 mil pessoas que estiveram ontem nas ruas de SM, gritando, cantando e se mobilizando por um Brasil melhor.
- 4) População de Santa Maria estava de parabéns hoje. 30 mil pessoas protestando na rua. Cantando e pulando, sem violência e vandalismo. Um exemplo que as pessoas que manifestam em outras cidades do país deviam seguir. A postura e o respeito dos manifestantes estava incrível. Pararam o barulho quando passaram pelo hospital e se mantiveram íntegros quando uma minoria tentou começar atos de violência e vandalismo.
- 5) Na manifestação de hoje cerca de 30 mil pessoas segundo a Brigada Militar. Parabens Santa Maria!!!!
- 6) Galera, gostaria de parabenizar todas e todos pelos debates que acompanho aqui de Dourados/MS, digo uma coisa com toda a certeza, sem querer ser baírrista ou puxa saco de vcs, a qualidade das discussões do pessoal de santa maria estão muito qualificadas perto do que acompanho aqui, aqui o conservadorismo reacionário é perverso e muito ativo, não podemos ter um discurso progressista que somos atacados. Mas parabéns pela mobilização, isso ahh galera, força na luta e como dizem meus camaradas da Geo/UFSM, HA BRACOS!!!
- 7) Gostei da mulher da RBS dizendo q a festa tava bonita! engraçado festa bonita ao que, é roubalheiro, a desigualdade social a falta de educação deve ser isso que o povo está comemorando!
- 8) Algumas imagens do PROTESTO (e não FESTA como diz a repórter do JA) de hoje! é interessante tirar o som para assistir!

Neste terceiro momento, após as ações de protesto, o evento no Facebook passou a ser usado para pequenas avaliações e proposição de novas ações relacionadas. Muitas das postagens relacionaram a marcha de Santa Maria a uma festa, enfatizando um caráter celebrativo e pouco reivindicatório das manifestações. Entretanto, também houve críticas a esta associação e, parte das postagens posteriores, foi de reflexão e chamada para novas manifestações.

Considerações finais

Não desconsideramos que os processos de comunicação sempre foram importantes para as dinâmicas de mobilização social, proposição e organização de suas formas de ação. No contexto dos movimentos sociais em rede, no entanto, a comunicação assume uma centralidade como lógica organizativa e de constituição das próprias manifestações. Conexões em rede expressas de numerosas formas, sobretudo por apropriações múltiplas da internet e das redes sociais online, podem ser percebidas,

em uma combinação entre ações nos contexto online e offline, entendidos como espaços contíguos e complementares, constitutivos do contexto social contemporâneo.

No caso observado, assim como analisado por pesquisadores em outros âmbitos, as mobilizações em rede são construídas coletivamente, de maneira mais horizontal, em uma dinâmica híbrida entre as redes sociais na internet e a ocupação do espaço urbano. Apesar de um caráter menos programático, uma pauta plural ou uma agenda de demandas foi elaborada através de usos do Facebook.

Certamente nem todos os que foram para as ruas em Santa Maria se fizeram manifestar no evento observado ou muitos dos que usaram o Facebook podem não ter participado das ações de rua. No entanto, os protestos em Santa Maria se deram nesta relação entre as duas ambiências. Mais do que um espaço para convencimento ou mera circulação de informações, o evento observado foi apropriado de modo a colocar em contato as diferenças e construir sentidos comuns, ainda que múltiplos, para a mobilização. Também as formas de ação foram experimentadas e construídas coletivamente antes e depois de cada protesto.

Entre a preparação e mobilização para ação, produção e compartilhamento de conteúdo durante as ações e avaliações rumo a novas manifestações, em uma dinâmica contínua, o evento “Marcha pelo transporte público e pela redução da tarifa” teve uma participação importante no modo como as ações de protesto foram construídas em Santa Maria, sobretudo na possibilidade de manifestar uma indignação que mobiliza para a ação, como aborda Castells (2012). Indignação que não paralisa, portanto, mas que carrega uma esperança no caráter transformador que essas mobilizações podem inspirar.

Mesmo que nem todas as demandas tenham carregado sentidos progressistas, foi possível perceber um caráter auto-reflexivo nas mobilizações. Muitas pessoas que, até então, pouco tinham participado de discussões sobre a cidade ou sobre seus direitos, se fizeram ouvir de alguma forma. Foi possível perceber a construção de sentidos de pertença e vínculos entre sujeitos com posicionamentos diversos, manifestados, sobretudo, a partir de uma reivindicação de caráter local que se tornou comum nas ações de protesto em Santa Maria: a luta por justiça no caso do incêndio da boate Kiss.

As observações expostas neste artigo, de caráter mais ensaísta em função da observação pouco sistemática proposta, indicam apenas reflexões iniciais que merecem ser aprofundadas. Investigações que se dediquem a analisar os modos pelos quais as

redes sociais online são apropriadas para a construção de dinâmicas de interação e visibilidade das mobilizações, através da combinação de métodos quantitativos e qualitativos, têm muito a contribuir para a compreensão de novos sentidos para os movimentos sociais e suas ações de protesto. O que tentamos indicar aqui são pistas sobre o papel do Facebook para a mobilização social – entendido como muito além de uma ferramenta para agendar a ação, mas como um ambiente de comunicação que atua na construção de movimentos plurais, sempre muito difíceis de capturar.

Referências

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignación y Esperanza: los Movimientos Sociales en la Internet*. Madrid: Alianza, 2012.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Sociologia dos movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. Teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno (orgs.). *Movimentos sociais na era global*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez. 2008.

_____. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. In: *Lua Nova*. São Paulo. n. 17, Jun/1989, p.50-66. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n17/a04n17.pdf>>. Acesso em: 12/04/2013.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ZIZEK, Slavoj (et.al). *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimento sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan/abr. 2006.

_____. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

TOURAINE, Alain. *Pensar Outramente*. São Paulo: Vozes, 2009.

UGARTE, David de. *Breve historia del análisis de redes sociales*. 2007. Disponível em: <http://www.deugarte.com/gomi/historia_del_analisis_de_redes_sociales.pdf>. Acesso: 07 mar. 2013.